

LIVRO

REVISTA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DO LIVRO E DA EDIÇÃO



SUMÁRIO



EDITORIAL, 7

CONVERSAS DE LIVRARIA

☞ LINCOLN SECCO – A Cidade e os Livros, 13

LEITURAS

- ☞ ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA – Os Contos de Machado de Assis, 25
- ☞ THIAGO LIMA NICODEMO – Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, 67

DOSSIÊ – MUSEUS/BIBLIOTECAS

- ☞ ANDREA DE PASQUALE E MARISA MIDORI DEAECTO – Apresentação, 87
- ☞ ANDREA DE PASQUALE – A Tradição Italiana dos Museus Inseridos nas Bibliotecas, 89
- ☞ FRÉDÉRIC BARBIER – Bibliotecas e Museus, 111
- ☞ FIAMMETTA SABBA – As Bibliotecas nos *Itinera Erudita et Bibliothecaria*, 125
- ☞ MARÍA LUISA LÓPEZ-VIDRIERO ABELLÓ – Propósitos Museográficos da Real Biblioteca (1913-1980), 143
- ☞ MARISA MIDORI DEAECTO – A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 167
- ☞ JEAN-FRANÇOIS DELMAS – A Biblioteca-Museu Inguimbertina de Carpentras, 187
- ☞ CHRISTOPHE DIDIER – Hibridismo, Fab Lab, Terceiro Lugar... Museal?, 197
- ☞ CARLOS ZERON – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 213

ARQUIVO

- ☞ CAROLINA BEDNAREK SOBRAL – Suportes da Esquerda Católica no Arquivo do Deops (1970-1980), 223
- ☞ FABIANA MARCHETTI – Plebeu Gabinete de Leitura, 231

ACERVO

- ☞ MARCOS ANTONIO DE MORAES – Mário de Andrade, “Apaixonado Bibliófilo”, 237
- ☞ LUÍS PIO PEDRO – O Implacável João e as Edições Condé, 257

ALMANAQUE

- ☞ UBIRATAN MACHADO – Escritores e Publicidade, 265
- ☞ CLÁUDIO GIORDANO – Machado e Garnier, 279

MEMÓRIA

- ☞ FRÉDÉRIC BARBIER – O Capucho, o Gato e os Loucos, 285
- ☞ STEPHAN FÜSSEL – Gutenberg (c. 1400-1468): Um Esboço Biográfico, 299
- ☞ JACQUES MIGOZZI – *Le Carrosse de M. Aguado*, de Pierre Leroux, 309

BIBLIOMANIA

- ☞ JEAN PIERRE CHAUVIN – Guilherme Mansur: Tipógrafo, Poeta, Editor, 321
- ☞ FABIANA MARCHETTI – Editora Plon, 325
- ☞ JEAN PIERRE CHAUVIN – Iconografia como Memória, 331
- ☞ JEAN PIERRE CHAUVIN – A Correspondência de Rubens Borba de Moraes, 335
- ☞ FELIPE CASTILHO DE LACERDA – “Cada Livro Tem uma História...”, 339
- ☞ FELIPE CASTILHO DE LACERDA – Livros Militantes, 341
- ☞ CARLOS FERNANDO DE QUADROS – Octávio Brandão e as Origens do Marxismo Brasileiro, 353
- ☞ JEAN PIERRE CHAUVIN – A Órbita dos Livros, 361
- ☞ FELIPE CASTILHO DE LACERDA – Um Livro para se Ter na Biblioteca, 367
- ☞ MARCELO LACHAT – Sobre a História das Bibliotecas Antigas, 371
- ☞ WALNICE NOGUEIRA GALVÃO – A Munificência das Bibliotecas, 377

ESTANTE, 383

DEBATE

- ☞ ISTVÁN MONOK – Os Manuscritos de Georg Lukács, 395
- ☞ JEAN-YVES MOLLIER – A Invasão das *Fake News* nas Democracias, 401

LETRA E ARTE

- ☞ JOSÉ DE PAULA RAMOS JR. – Nota Editorial, 415
- ☞ ROBERTO OLIVEIRA – Nota Sobre “O Aprendiz de Feiticeiro”, 417
- ☞ AUGUSTO RODRIGUES – Velhas Artes no Novo Mundo, 423

COLABORADORES, 439

EDITORIAL



LIVRO 7/8 vem a lume em edição dupla. Como se das cinzas renascesse, suas páginas rompem um silêncio prolongado diante da estupefação que as ondas fascizantes dos novos tempos provocaram. Uma pausa, sem dúvida, necessária, para repensar seu papel como propagadora da cultura impressa, em uma conjuntura de revoluções e mudanças de paradigmas nos sistemas de comunicação, mas também de destruição e descaso das instituições do livro e da cultura. Pensemos no incêndio que consumiu as riquezas do Museu Nacional, outrossim, nas edições depredadas da biblioteca da Universidade de Brasília. ¶ Mas a *LIVRO* não pode se calar. Tanto quanto as bibliotecas, os arquivos e os museus, ou, para retomar a ideia de nosso DOSSIÊ temático, dos museus contidos nas bibliotecas, nossa REVISTA busca captar as pulsões políticas, as tensões econômicas e os estímulos culturais sentidos por seus principais agentes, no Brasil e no mundo. No momento em que as funções de museus e bibliotecas, na verdade, da educação e da cultura como um todo, são alvos de questionamentos, faz-se necessário refletir e reafirmar, por meio de projetos e vivências concretas, a importância fundamental dessas instituições na vida de uma nação. ¶ A seção LEITURAS apresenta dois estudos alentados sobre temas fortes da cultura bibliográfica brasileira: no primeiro, Ana Cláudia Suriani faz um escrutínio cuidadoso dos contos machadianos publicados na imprensa e nos livros; em seguida, Thiago Nicodemo reconstitui a história de um livro que certamente teria marcado a era das bibliografias brasileiras, caso houvesse, com efeito, uma cultura bibliográfica no país. ¶ Em ARQUIVO, os estudos se voltam para coleções de natureza bem diversa, todavia, complementares. Em “O Plebeu Gabinete de Leitura”, espaço construído em Fortaleza e idealizado por Adelaide Gonçalves, livros e memórias se fundem, incentivando jovens de todas as idades a cultivar

a arte do livre-pensamento. E se liberdade e censura compõem duas faces de um mesmo díplico, em “Suporte da Esquerda Católica no Arquivo do Deops (1970-1980)” temos um vislumbre dos materiais coletados pelo Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo durante a ditadura militar. Um exemplo instrutivo de como o Estado cerceou o livre-pensamento das comunidades católicas, como o demonstra Carolina Bednarek em seu artigo.

Qual é a mais bela edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*? A primeira? Ou aquela publicada pelos Cem Bibliófilos do Brasil? Na dúvida, o melhor é possuir as duas. Afinal, cada uma tem seu valor, sua beleza, diria um bibliófilo. No artigo de Marcos Antonio de Moraes acompanhamos a saga de Mário de Andrade, esse “apaixonado bibliófilo”, no processo de aquisição e reparação de um volume adquirido da obra de Machado de Assis, em edição de luxo, destinada aos mais proeminentes colecionadores brasileiros. Como sói acontecer, o amor ao livro esbarra nas condições materiais de produção, no confronto clássico entre o ideal e o real. No artigo de Luís Pio Pedro, vemos se revelar o perfil de outro notável colecionador brasileiro: João Condé. As aventuras e desventuras de um amante dos livros, particularmente devotado às edições *princeps* e aos manuscritos, conquistam logo a simpatia do leitor afeito às histórias contadas sem pirotecnia. No entanto, essa trajetória levanta uma questão que não pode se calar: já não era o tempo de se criarem políticas públicas para a conservação dessas coleções? As bibliotecas e os arquivos universitários não deveriam se colocar na dianteira desse debate?

ALMANAQUE apresenta dois textos saborosos. Em “Escritores e Publicidade”, Ubiratan Machado nos conduz a uma viagem no tempo em que as propagandas eram construídas em versos, marchinhas, ou imagens

que remetiam a personagens populares de nossa literatura. Em seguida, Cláudio Jordano resgata de um alfarrabista paulistano uma edição bastante surrada de *As Páginas Recolhidas* de Machado de Assis. Porém, o volume guarda certa dignidade na encadernação em meio-couro e na tipografia bem cuidada da Casa Garnier, o que o leva a refletir sobre o momento de consolidação do mercado editorial brasileiro, com impressões e documentos de época.

Esse número celebra, com artigos inéditos, algumas efemérides do livro e da história ocidental. Os 500 anos da Reforma Protestante são lembrados por Frédéric Barbier, na perspectiva da midiaticização do debate religioso sob a forma de livros, opúsculos e panfletos. Para lembrar os 550 da morte de Gutenberg, Stephan Füssel apresenta o retrato mais completo que se possa conhecer desse ilustre inventor dos tipos móveis. E para recordar os 170 da Primavera dos Povos, Jacques Migozzi apresenta uma análise deveras intrigante do romance de Pierre Leroux, *Le Carrosse de M. Aguado*.

DEBATE levanta temas quentes, que movimentaram a opinião pública nesses dois últimos anos: o futuro do arquivo de György Lukács (1885-1971), esse grande pensador do século XX, que nasceu e faleceu em Budapeste, cujo espólio permaneceu por longas décadas em seu apartamento e, agora, será acondicionado nas dependências da Academia de Ciências da Hungria. O diretor dos arquivos e biblioteca dessa prestigiosa instituição apresenta um depoimento sobre os cuidados reservados à coleção Lukács, considerando as polêmicas que essa mudança de gestão gerou em todo o mundo, em um momento de afirmação da direita húngara. Em seguida, Jean-Yves Mollier reflete sobre a história da imprensa francesa e suas relações com o mundo da política, a partir do episódio emblemático que moveu

a opinião pública no final do século XIX, a saber, o *Affaire Dreyfus*. Esta será nossa chave para a abertura de um debate necessário sobre as *fake news*.

LETRA E ARTE se mantém como alimento para alma dos amantes do livro e das manifestações artísticas. José de Paula Ramos Jr. reservou para esse número um poema e um conto. O primeiro, uma pérola de Goethe (1749-1832) traduzida pelo tradutor-poeta ou poeta-tradutor Roberto de Oliveira. “Velhas

Artes no Novo Mundo”, conto inédito de Augusto Rodrigues, tem o livro como protagonista da ação. É ler, para crer!

No momento em que o silêncio se transforma em matéria criativa, estamos prontos para a luta. *Ubi sunt qui ante nos fuerunt?* (“Onde estão aqueles que se foram antes de nós?”), pergunta-se Lincoln Secco, em suas *CONVERSAS DE LIVRARIA*. Estão todos ali, nos livros. É por essa razão que *LIVRO* segue, incontinentemente, sua batalha cotidiana.

MARISA MIDORI DEACTO
PLINIO MARTINS FILHO
Os Editores